

A DISSOCIAÇÃO ENTRE ESTRUTURA MORFOLÓGICA E SEMÂNTICA NA CONSTRUÇÃO DE UNIDADES LEXICAIS IMPORTADAS

Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes*

RESUMO: O objetivo deste estudo foi analisar os aspectos morfológicos e semânticos do empréstimo linguístico, adotado do inglês pelo português do Brasil, em particular decalques morfológicos e empréstimos morfossemânticos híbridos, tais como ‘impedância’ (do inglês *impedance*) e ‘enação’ (do inglês *enation*), respectivamente. A análise foi conduzida a partir dos princípios da abordagem lexicalista da morfologia derivacional, desenvolvidos, em especial, por Danielle Corbin (1987, 1991). A análise permitiu identificar estruturas parcialmente analisáveis, nas quais o constituinte na posição base não pode ser considerado base pelo fato de não ser interpretável ou de ter estrutura morfológica mal-formada. Apesar desse comportamento, o empréstimo dispõe de propriedades essenciais (em especial categorial, morfológica e morfossintática) que permitem o seu uso como qualquer unidade lexical do português.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia derivacional – regra de construção de palavra – regra de estrutura interna

ABSTRACT: The purpose of this study was to analyze the morphological and semantic aspects of linguistic borrowings, adopted from English by Brazilian Portuguese, especially loan translations and hybrid morphossemantic borrowings, such as ‘impedância’ (*impedance*) and ‘enação’ (*enation*), respectively. The analysis was performed within the lexicalist framework of the derivational morphology developed mainly by Danielle Corbin (1987, 1991). The investigation was able to identify structures which are partially analyzable because the base constituent does not comply with the requisites defined to be a base: it doesn’t have a meaning or its morphological structure is not well formed. Despite this behavior, the borrowing has essential properties (especially categorial, morphological and morphosyntactic) that allows it to be used as any other lexical unit of Portuguese.

KEYWORDS: derivational morphology – word construction rule – internal structure rule

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma discussão de parte da seção de análise (capítulo 6) da tese de doutorado, com o título de *Empréstimos lingüísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo português do Brasil*, apresentada à Universidade de Brasília (UnB) em 2006¹, cujo objetivo principal foi analisar os aspectos morfológicos e

* Flávia Cristina Cruz Lamberti Arraes é professora adjunta do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB) e doutora em Linguística pela mesma universidade. E-mail: flavialamberti@unb.br.

¹ Arraes (2006).

semânticos da estrutura vernacular de empréstimos linguísticos, doravante, unidades lexicais importadas, adotados do inglês pelo português do Brasil. Mais especificamente, a intenção foi verificar se a estrutura obtida com a importação dessas unidades é analisável segundo as regras de construção de palavras do português.

Neste trabalho, as unidades lexicais importadas² têm as seguintes características:

- i) são *decalques morfológicos*, ou
- ii) são *empréstimos morfossemânticos híbridos*, que se compõem de um constituinte estrangeiro adaptado e de outro vernacular³, e
- iii) têm constituintes em i) e ii) de origem latina⁴.

Segundo Loubier (2003, p. 26-27), o *decalque morfológico* é um "empréstimo semântico cuja forma estrangeira é traduzida e substituída na língua recebedora por uma forma nova que imita o modelo morfossintático estrangeiro e reproduz mais ou menos exatamente a imagem veiculada pela língua estrangeira"⁵. Servem de exemplo ocorrências como *impedância* e *indutância*. Já o *empréstimo morfossemântico híbrido* é considerado "uma transferência parcial da forma de uma unidade lexical estrangeira, constituída por uma forma mista onde os traços morfológicos pertencentes a línguas diferentes são reunidos"⁶. Servem de exemplo ocorrências como *enação* e *deterência*.

No processo de adoção dos referidos tipos de unidades lexicais importadas, é possível observar a ocorrência dos seguintes problemas no âmbito da morfologia derivacional do português:

1) junção de constituintes sem ter em conta a estrutura interna regular, quer dizer, analisável segundo uma regra de construção de palavras do português;

2) dificuldade em determinar a palavra, a base⁷, o radical ou o tema a partir do qual a nova unidade foi formada, não havendo, em alguns casos, informações

²¹ As unidades lexicais importadas do inglês foram extraídas de dicionários gerais da língua portuguesa representativos da variedade brasileira, a saber: *Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI* (Aurélio) e *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss). Para o cotejo com o inglês foi utilizado o dicionário eletrônico *Oxford English Dictionary on-line* (OED), de 2005.

³ Morfema ou palavra pertencente ao léxico do português.

⁴ Os dicionários a seguir serviram de suporte à pesquisa etimológica das unidades lexicais sob análise, a saber: *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha; *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de José Pedro Machado; *Novíssimo dicionário latino-português*, de F.R. dos Santos Saraiva; *The Oxford Dictionary of English Etymology* (ODEE).

⁵ "[...] *emprunt sémantique dont la forme étrangère est traduite et remplacée dans la langue emprunteuse par une forme nouvelle qui imite le modele morphosyntaxique étranger et reproduit plus ou moins exactement l'image véhiculée par la langue étrangère*".

⁶ "[...] *d'un transfert partiel de la forme d'une unité lexicale étrangère. L'emprunt hybride constitue une forme mixte où des traits morphologiques appartenant à des langues différentes sont réunis*".

redundantes que permitem estabelecer as relações lexicais entre a base e a unidade lexical supostamente resultante;

3) em consequência dos itens 1 e 2, possibilidade de construção de novas unidades lexicais complexas que não são consideradas analisáveis pelas regras da morfologia derivacional do português,

4) dificuldade de sobreposição da estrutura morfológica com a interpretação semântica, gerando formações com significado parcialmente idiossincrático.

Um exemplo desse comportamento é o caso de *impedância*. A pergunta que se coloca é se o decalque morfológico *impedância*, cujo significado no *Aurélio Eletrônico Século XXI* é:

Impedância [Do ingl. impedance < (to) impede, 'impedir', + ingl. -ance (v. -ância).] S. f. Eng. Elétr. 1. Quociente entre a amplitude de uma tensão alternada e a amplitude da corrente que ela provoca em um circuito [símb.: Z] .

poderia ser considerado uma unidade lexical analisável a partir de *?impeda-* e do sufixo *-(a)ncia*.

Impedância é um decalque morfológico que se caracteriza por ter a sua forma estrangeira original substituída completamente por formativos do português: *imped-* foi substituído pelo formativo cognato do português *imped-* 'impedir de andar, travar; embaraçar' (Houaiss) e o sufixo *-ance* pelo correspondente *-(a)ncia*.

No entanto, essa nova formação não pode ser analisada segundo um padrão de construção de palavra do português, definido como uma regra de construção de palavra (apresentada posteriormente, na seção Modelo de Corbin), que prevê a análise, no caso de formações terminadas em *-ncia*, de substantivos deverbiais com o significado de 'ação ou resultado da ação, estado de V (verbo)'. A aplicação da regra é principalmente impedida pela inexistência em português do tema *impeda-*. O tema esperado seria formado pelo radical *imped-*, seguido da vogal temática *-i-* (do verbo impedir).

⁷ Este trabalho considera que a *base* é, de acordo com Rocha (1999, p.100), "uma sequência fônica recorrente, a partir da qual se forma uma nova palavra, ou através da qual se constata que uma palavra é morfologicamente complexa". O *radical* é a "parte que está presente em todas as formas de uma mesma palavra". (ibid, p.103) A *base* pode recobrir as modalidades de *radical* e de *tema* (estrutura que comporta o constituinte temático e os demais constituintes à sua esquerda, que constituem o radical).

ABORDAGEM LEXICALISTA

A abordagem lexicalista trata a morfologia derivacional no léxico e não na sintaxe e explica as derivações a partir das relações lexicais entre duas unidades lexicais formalmente relacionadas em seu padrão morfológico, semântico e sintático. Nesse sentido, é possível identificar uma ligação entre uma palavra morfológicamente complexa e outra mais simples devido à existência de constituintes morfossemânticos comuns em ambas as palavras.

No âmbito das novas formações de palavras, considera-se que uma palavra nova é constituída a partir de uma outra palavra mais simples por meio de uma regra de formação de palavras (RFP), como em Aronoff (1976) e Basílio (1980). Essa regra especifica uma operação derivacional na qual uma estrutura complexa é formada com sentido ou função previsível a partir de uma base (palavra ou morfema) e aposição de um afixo específico. Segue abaixo exemplo de uma regra do português:

$$[X]_v \rightarrow [[X]_v \text{ -dor}]_s$$

onde x representa uma palavra morfológicamente mais simples. Esta regra cria e.g. *apelidador* ‘aquele que apelida’ a partir de *apelidar*.

No caso das unidades lexicais importadas sob análise, uma palavra morfológicamente complexa é muitas vezes constituída sem o estabelecimento de relação lexical entre uma palavra mais simples e outra mais complexa, o que resulta em estruturas que se caracterizam por ter uma estrutura morfológica e significado parcialmente sobrepostos.

A análise da unidade lexical importada requer um modelo teórico que estabeleça princípios para a análise da estrutura interna das unidades. Para a escolha de tal modelo foi realizado um estudo a respeito da evolução das abordagens em morfologia derivacional desde a tradição clássica até gramática gerativa - Hipótese Lexicalista e algumas propostas derivadas.

Os modelos pesquisados foram apresentados, com maior detalhe, no capítulo 2 e 3 da referida tese de doutorado, e foram em resumo os seguintes⁸:

- i) o modelo da tradição clássica, Palavra e Paradigma, que se caracteriza por concentrar seus esforços na morfologia flexional, preocupando-se em descrever e fixar paradigmas e considerando as palavras como unidades mínimas, quer dizer, todos indivisíveis, na análise lingüística;
- ii) o modelo do estruturalismo, Item e Arranjo, de caráter primordialmente concatenatório, no sentido de depreender formas uma após a outra, atribuindo importância secundária à semântica e não investigando

⁸ Na referida tese de doutorado, não foi incluído o estudo da Morfologia Distribuída nem da Teoria da Otimidade.

elementos regulares e previsíveis que poderiam ter provocado a união das formas;

- iii) a gramática gerativo-transformacional, com a Hipótese Transformacionalista, na qual o léxico é definido com uma lista não ordenada de entradas lexicais, ou conjuntos de traços fonológicos, sintáticos e semânticos que definem cada item lexical. Nesta abordagem, leva-se em consideração cada palavra como um todo, não havendo lugar para uma morfologia derivacional;
- iv) a gramática gerativa, com a Hipótese Lexicalista, proposta inicialmente por Chomsky (1970), que postula que a morfologia derivacional, e possivelmente a morfologia flexional, deveria ser tratada no léxico, e
- v) modelos derivados da Hipótese Lexicalista, a Hipótese Lexicalista Forte e a Hipótese Lexicalista Fraca, que inclui modelos não-estratificados – em especial Jackendoff (1975), Aronoff (1976) e Basílio (1980)⁹ - e estratificados – em especial Halle (1973) e Corbin (1987, 1991).

Dentre esses modelos, o modelo desenvolvido por Corbin¹⁰, em especial Corbin (1987) e (1991), foi considerado mais adequado para o desenvolvimento dos objetivos do presente estudo pelo fato de ser um modelo de morfologia derivacional que fornece grande suporte para compreender e explicar a estrutura interna das unidades lexicais importadas.

O modelo fornece ótimas condições de análise da estrutura interna das unidades lexicais, pelo fato de esse modelo ter ampliado, em relação a modelos anteriores, em particular Aronoff (1976), os recursos que incrementam o potencial de análise morfolexical, ao propor em especial:

- i) a aceitação de bases não-autônomas¹¹ e de bases possíveis para a formação de novas palavras e para a análise das palavras existentes, e

⁹ Basílio (1980) critica a proposta de Aronoff (1976) pelo fato de esta i) exigir que a base de uma regra de formação de palavras (RFP) seja uma palavra e ii) restringir o uso de uma regra de redundância (uma regra de análise estrutural) mediante a existência de uma RFP. Basílio (1980), em resumo, apresenta uma proposta que abrange a análise da estrutura interna das formações estratificadas, estabelecendo as regras de análise estrutural (RAE), assim como critérios de aplicabilidade dessas regras tendo em vista as condições do léxico que permitem o reconhecimento da base e/ou do afixo como unidades recorrentes e interpretáveis. A proposta é inovadora e amplia os recursos para a realização da análise da estrutura interna das palavras existentes no léxico.

¹⁰ O modelo de Corbin (1987, 1991) será empregado aqui especificamente em seu aspecto descritivo. Não é assumido um compromisso com os pressupostos do Programa Gerativista de Investigação e nem com as discussões intrateóricas que dizem respeito às hipóteses lexicalistas forte e fraca. Assim, o modelo será observado apenas no que diz respeito à caracterização ótima das unidades lexicais importadas.

- ii) a proposição de regras de estrutura interna (REI) para a análise de estruturas compostas por constituintes que não têm natureza sígnica e, conseqüentemente, não portadoras de significado.

O MODELO DE CORBIN

Tendo em vista os aspectos relevantes para o desenvolvimento do presente trabalho, serão apresentadas as características principais do modelo de Corbin (1987) e (1991)¹²:

- 1) Crítica à morfologia da evidência: ressalta-se que o trabalho sobre o léxico exige, como em todo domínio de análise científica, recuo do real, o que implica transpor a evidência das palavras existentes e aceitar a abstração, representada por um léxico virtual que reúne as palavras possíveis da língua.
- 2) Morfemas como unidade mínima da morfologia: um morfema tem as mesmas propriedades (fonológicas, morfológicas, semânticas, morfossintáticas) que uma palavra, com exceção de uma delas, a autonomia sintática. Essa exceção não é, no entanto, relevante. O que é pertinente é que um morfema, com as referidas propriedades, terá o *status* de entrada lexical e poderá, por exemplo, servir de base não-autônoma para a formação de uma nova palavra.
- 3) Regularidade e irregularidade no léxico: a teoria de Corbin (1987, p. 145) permite fazer as divisões, no conjunto complexo das regularidades e das irregularidades, entre o que se baseia em regras gerais, em regras parciais (as sub-regularidades) e o que não é descritível em relação a qualquer regra.
- 4) Modelo associativo: entende-se a associação do nível morfológico e do nível semântico na representação das relações derivacionais. Neste modelo, não se tem derivação sem a sobreposição destes dois níveis.
- 5) Componente lexical estratificado: considerando a diversa tipologia de dados lexicais em relação à regularidade e às irregularidades (existem dados regulares, irregulares de fachada, sub-regulares e idiossincráticos) e de

¹¹ Ao propor aceitação desse tipo de base, Corbin, portanto, defende uma morfologia em que a unidade mínima é o morfema, ao contrário da outra posição em morfologia derivacional, defendida, por exemplo, por Aronoff (1976), que considera a palavra como unidade mínima.

¹² Atualmente esse modelo é denominado SILEX (Syntaxe, Interprétation et LEXique), que é um modelo de morfologia construcional cujo papel é tratar, além da morfologia derivacional, da semântica e da referência das palavras construídas morfológica e não morfológicamente.

operações que incidem sobre estes, Corbin desenvolve um componente lexical que é definido como um conjunto de níveis hierarquizados e ordenados de itens lexicais e de operações a partir destes itens, descrito a seguir.

COMPONENTE LEXICAL

As entradas lexicais e as suas respectivas operações foram situadas em quatro componentes (ou níveis) distintos dentro do componente lexical, tal como descrito em Corbin (1991, p.19):

- 1) Um **nível de base**, fundamentalmente idiossincrático, que comporta as palavras não-construídas e todos os elementos a partir dos quais as palavras complexas são construídas.
- 2) Um **nível derivacional**, fundamentalmente regular, onde as regras de construção de palavras (RCP) têm o poder, a partir dos itens de base, de gerar uma infinidade de palavras construídas cujas propriedades são previsíveis.
- 3) Um **nível pós-derivacional**, que é constituído por operações pós-derivacionais que permitem tratar as formas não-lexicalizáveis construídas pelas RCPs.
- 4) Um **nível convencional**, lugar das subregularidades e das idiossincrasias reversíveis, onde o léxico construído de direito se transforma por filtrações sucessivas, em um léxico de fato, com todos os ajustamentos e as modificações necessários.

Considerando os propósitos de análise morfolexical, será discutido a seguir com maior detalhe o nível de base e o nível derivacional.

NÍVEL DE BASE

Este componente comporta dois níveis: o nível das entradas lexicais de base e um nível de operações, denominadas “regras de base”, que têm a função de avaliar as regularidades não-derivacionais das entradas lexicais de base.

As entradas lexicais podem ser:

- i) palavras complexas não-construídas;
- ii) palavras não-construídas;
- iii) os afixos, designados de entradas lexicais afíxais.

Corbin (1987, p. 458-459) apresenta as definições das referidas palavras:

[...] As palavras complexas não-construídas são palavras cuja estrutura interna e significado estão parcialmente sobrepostos, porque nem todos constituintes de sua estrutura interna pertencem à lista das entradas lexicais. A regularidade destas palavras estão a cargo das REI. As palavras não-construídas são as palavras cuja eventual estrutura interna e significado não estão de modo algum sobrepostos.¹³

A regra de base que nos interessa aqui é a regra de estrutura interna (REI), cuja função é de dar conta das propriedades estruturais das palavras complexas não-construídas. A REI se refere às entradas lexicais que têm uma estrutura interna, mas que não são construídas, quer dizer, têm uma estrutura morfológica e um significado parcialmente sobrepostos e, portanto, não são analisáveis segundo uma regra de construção de palavras (RCP). A REI serve para analisar estruturas que dispõem de um constituinte que não tem estatuto sígnico e, conseqüentemente, não é portador de significado¹⁴.

A REI poderá identificar dois tipos de estrutura:

Tipo I: uma estrutura interna que contém ao menos um constituinte pertencente a uma categoria lexical maior.

Tipo II: uma estrutura interna que contém ao menos um constituinte pertencente à categoria [afixo].

Serve de exemplo do tipo I a unidade lexical *cabeçalho*, em que a sequência *alho* não é um sufixo porque lhe falta a recursividade ou recorrência em outras formações. Um exemplo do tipo II seria o caso de *meticuloso*, em que o segmento *meticul-* não pode ser considerado como pertencente a uma categoria lexical maior, haja vista não ser interpretável, nem recorrente em outras formações¹⁵.

A seguir, são representadas as referidas estruturas, respectivamente:

- a) [[cabeça]_s alho]_s
- b) [meticul (-oso)_{suf}]_s

¹³ “Les mots construits sont les mots dont la structure morphologique et le sens sont entièrement superposables, [...]. Les mots complexes non construits sont des mots dont la structure interne et le sens ne sont que partiellement superposables, parce que les constituents de leur structure interne n’appartiennent pas tous à la liste des entrées lexicales. Leurs régularité sont du ressort des RSI. Les mots non construits sont des mots dont l’éventuelle structure interne et le sens ne sont pas du tout superposables”.

¹⁴ Rio-Torto (1998, p.17-18) considera que esse tipo de constituinte é muito particular e de difícil representação da significação, mas isto não legitima considerá-lo como desprovido de significação e sem estatuto de constituinte morfológico de uma unidade lexical composta.

¹⁵ Rocha (1999, p.122) denomina *sufixóide* as estruturas Tipo I e *basóide* as estruturas Tipo II.

Um constituinte somente é considerado base de uma estrutura se este segmento cumpre determinadas condições. O afixo também precisa cumprir determinadas exigências. Dessa forma, para determinar quais seriam essas condições em relação à base e ao afixo, Corbin (1987, p. 186; p. 458) estabelece, respectivamente, um princípio de delimitação da base¹⁶ e um princípio de delimitação do afixo¹⁷.

NÍVEL DERIVACIONAL

É o único componente lexical propriamente gerativo. Pode ser concebido como um conjunto de operações de construção de itens lexicais a partir dos materiais fornecidos pelas entradas lexicais. Corbin batizou estas operações de "règles de construction de mots" (RCM) - regras de construção de palavras (RCP)¹⁸. As RCPs têm o poder, a partir de entradas lexicais de base, de gerar uma infinidade de *palavras construídas*¹⁹ cujas propriedades são previsíveis.

A aplicação de uma RCP associa a construção de uma estrutura morfológica e semântica, com a atribuição à palavra construída de um conjunto de propriedades de ordem sintática, morfológica, formal e semântica, por meio da RCP e da operação morfológica em questão.

A operação de construção da estrutura morfológica, correspondente a uma RCP, pode dispor de três estruturas morfológicas abstratas:

1. Prefixação [(Y)_{af} [X]_C]_{C'}
2. Sufixação [[X]_C (Y)_{af}]_{C'}
3. Conversão [[X]_C]_{C'}

A operação semântica associada a uma regra delimita o que é passível de previsão no significado das palavras construídas, e pode ter diversos graus de precisão: alguns são precisos ("ação de V", "aquele que V", etc), outros são bem vagos ("relativo a N", "fato de ser ADJ", etc). Convém definir a operação semântica associada a uma RCP de modo "abstrato" para que esta seja independente de todas as atualizações pragmáticas ligadas ao fato de a língua designar o mundo.

¹⁶ Conforme esse princípio, um constituinte na posição de base precisa essencialmente i) pertencer a uma categoria lexical maior; ii) ser interpretável, iii) ser usado para construir outras palavras, atestadas ou não.

¹⁷ Um segmento Y de uma palavra complexa X pode ser listado entre as entradas afixais marcadas pela categoria [afixo] se e somente se este serve para construir outras palavras complexas que mantêm com a base as mesmas relações categoriais e semânticas que X mantém com a sua.

¹⁸ As RCPs seriam equivalentes às RFPs em Aronoff (1976), mas dispõem de características particulares ao modelo de Corbin. As RCPs são, por exemplo, utilizadas para analisar a estrutura interna de uma palavra já constituída, com o intuito de verificar se uma estrutura é analisável, quer dizer, se a estrutura morfológica pode ser associada à interpretação semântica.

¹⁹ *Palavra construída* é definida por Corbin (1987, p.6) como uma palavra cujo significado previsível é inteiramente composicional em relação à sua estrutura interna, e esse significado advém da aplicação a uma categoria lexical maior (base) de uma operação derivacional (efetuada por uma RCP).

UNIDADES LEXICAIS IMPORTADAS

Serão a seguir apresentadas unidades lexicais importadas que possuem uma estrutura interna na qual o constituinte formal na posição de base não cumpre as exigências necessárias para ser considerado base, apesar de o constituinte afixal poder ser considerado pertencente à categoria de afixo (estruturas Tipo II acima).

Foram identificados dois tipos de constituintes formais na posição de base: segmentos não-interpretáveis e segmentos gramaticalmente mal-formados, a seguir apresentados:

SEGMENTOS NÃO-INTERPRETÁVEIS NA POSIÇÃO DE BASE

A seguir são discutidos três casos, todos considerados empréstimos morfossemânticos híbridos.

a) [$?X(-\text{ção})_{\text{suf}}$]_S : *enação* (?ena)

Enação 'excrescência superficial dos vegetais' (Aurélio), domínio da botânica, é um empréstimo do inglês *enation*. Em inglês, esta é uma palavra adotada do latim *ēnātiōn-em* 'excrescência', formada por *enatus*, particípio passado de *ēnāsci* 'nacer de, brotar, rebentar, sair de'. Em latim, a formação tem uma interpretação deverbal, mas em português o segmento ena-, no entanto, não é sincronicamente interpretável e recorrente em outras formações.

b) [$?X(-\text{ncia})_{\text{suf}}$]_S : *deterência* (?deterre)

Deterência 'ato ou efeito de impedir o ataque de um possível agressor mediante intimidação ou ameaça de retaliação' (Aurélio) é um empréstimo do inglês *deterrence*. Em inglês, *deterrence* é uma *palavra construída*, haja vista ser, segundo Marchand (1969, p. 248), um substantivo de ação derivado do verbo *to deter* 'frighten away, discourage from' (afugentar, dissuadir) com sufixação de *-ence*²⁰, tendo como produto um significado previsível. Em português, no entanto, não é possível considerar que a forma *deter* seja o verbo português *deter* 'fazer parar, reter', formalmente semelhante à forma do inglês; essa forma é um falso cognato. A origem latina de ambos os verbos nos auxilia a estabelecer a diferença: inglês *to deter* origina-se do latim *dēterrēre*, formado de *dē* + *terrēre* 'amedrontar' (segundo o ODEE); o verbo português *deter* veio do latim *dētīnēre* 'deter, fazer parar'.

²⁰Marchand (1969, p. 248) explica que o sufixo *-ance/ence* constrói substantivos deverbais com o significado 'estado, ato, fato de –'.

c) [?X (-ncia)_{suf}]_s ou [?X (-ia)_{suf}]_s : *compliância* (?compli) ou (?compliance)

Compliância '...propriedade de um corpo ou de uma substância de permitir que ocorra uma alteração em sua forma, diante de uma força unitária aplicada' (Houaiss), domínio da física, é um empréstimo do inglês *compliance*. Em inglês, *compliance* é uma *palavra construída*, haja vista ser, segundo Marchand (1969, p. 248), um substantivo abstrato deverbal, a partir de *to comply* 'cumprir, satisfazer, agir de acordo com uma instrução, pedido ou regra'. Pode ser também analisável como substantivo deadjetival em *-ant*, *compliant*, com significado de estado ou qualidade de ser *compliant* 'disposto a obedecer'²¹. Em português, no entanto, o segmento *compli*-²², em uma interpretação deverbal, e o segmento ?*compliance*, em uma interpretação deadjetival, não tem o estatuto de base porque não são interpretáveis e recorrentes em outras formações.

TEMAS GRAMATICALMENTE MAL-FORMADOS NA POSIÇÃO DE BASE

A seguir, são discutidos cinco exemplos com a mesma estrutura morfológica, todos considerados decalques morfológicos.

[*X (-ncia)_{suf}]_s : *impedância* (*impeda-), *admitância* (*admita-), *transmitância* (*transmita-), *reatância* (*reata-), *indutância* (*induta-)

Impedância, *admitância*, *transmitância*, *reatância* e *indutância*, domínio da engenharia elétrica, são empréstimos do inglês *impedance*, *admittance*, *transmittance*, *reactance* e *inductance*, respectivamente. Em inglês, Marchand (1969, p. 248) informa que o sufixo *-ance* foi usado para formar vários termos da engenharia elétrica, como *inductance* 1888 e *reactance* 1896, construídos a partir do modelo de *resistance* (*resist* v. + *-ance*)²³. Em português, a substituição pelo sufixo *-ncia* implicaria esperar uma base verbal. No entanto, os segmentos na posição de base são considerados

²¹ Segundo Marchand (1969, p. 249), os sufixos *-ancy*, *-ency* formam substantivos abstratos a partir de substantivos e adjetivos em *-ant*, *-ent* com o significado 'estado ou qualidade de ser ____'. Havia, no entanto, a tendência de utilizar os sufixos *-ance*, *-ence* ao invés de *-ancy*, *-ency*, sendo estes últimos preteridos para a formação de substantivos deadjetivais. Marchand afirma que *fragrance* provou ser mais forte do que *fragrancy*, *intelligence* do que *intelligency*, *observance* do que *observancy*, etc.

²² Em termos etimológicos o verbo *to comply* em inglês, base de *compliance*, origina-se do latim *complere*. Em português, temos o verbo *cumprir*, que é resultado da evolução do verbo latino *complere*. Não foi encontrado, no entanto, em português qualquer constituinte com a forma *compli*-.

²³ Segundo Marchand (1969, p.256), em inglês os radicais de particípio passado latino eram adaptados como verbos, seja por meio da adaptação com a utilização do sufixo *-ate* (como os verbos *create*, *ordinate*, *translate* para formas latinas de particípios *creatus*, *ordinatus*, *translatus*), seja pelo uso de formas terminadas em *-t*, seguindo a analogia de verbos nativos cujo particípio terminava em *-t* e com forma homógrafa ao infinitivo e presente, como em *cut*, *burst*, *let*, *put*, *set*, *shut*, *split*.

gramaticalmente incorretos devido à atribuição de vogal temática inadequada aos radicais verbais *imped-*, *admit-* e *transmit-*.

Nos dados *impedância*, *admitância* e *transmitância*, esperava-se um tema verbal terminado em -i, ao invés de -a, tendo em vista que, em português, a vogal temática dos radicais *imped-*, *admit-*, *transmit-* é o -i-. Resulta que a combinação da vogal -a com os referidos radicais verbais produz uma estrutura morfológica anômala.

No caso de *reatância*, a combinação do radical *reat-*²⁴ com a vogal temática -a-, [*reata-], é mais inesperada ainda, pois o tema verbal seria *reagi-* do verbo *reagir*. A mesma análise também é atribuída à *indutância*, na qual a junção do radical *indut-* com a vogal temática -a- forma também um tema não esperado em português (*induta-). O tema esperado seria *induzi-* do verbo *induzir*. O radical *indut-* é, em termos etimológicos, radical de particípio passado do verbo latino *inducere* ‘induzir’.

Em resumo, tendo em vista esse impedimento morfológico, a provável regra de construção de substantivos deverbais não pode ser usada para analisar as formações acima apresentadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da estrutura interna nos permitiu observar que não foi possível utilizar uma regra de construção de palavra (RCP) do português para analisar a estrutura das unidades lexicais importadas. Isso pode ser explicado pelo fato de o segmento na posição de base não preencher os requisitos definidos para a delimitação das bases: são segmentos não-interpretáveis (primeiro grupo) e temas gramaticalmente mal-formados (segundo grupo).

As estruturas foram, conseqüentemente, consideradas palavras complexas não-construídas, analisadas por uma regra de estrutura interna (REI), tipo II. Essas estruturas se caracterizam por ter uma estrutura morfológica e significado parcialmente sobrepostos e pela presença de um constituinte pertencente à categoria [afixo], que auxilia na atribuição da propriedade categorial e morfossintática (gênero) à estrutura resultante.

Apesar desse comportamento, a construção pode ser considerada uma unidade lexical sintaticamente atômica, parcialmente idiossincrática, passível de ser usada como qualquer outra unidade lexical do português.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, Mark. *Word formation in generative grammar*. Cambridge: The MIT Press, 1976.

²⁴ O radical *reat-* está presente, por exemplo, na palavra *reator* e é, em termos etimológicos, radical de particípio passado (*reactum*) do verbo latino *reagere* ‘reagir’.

- ARRAES, Flávia C. C. Lamberti. *Empréstimos lingüísticos do inglês, com formativos latinos, adotados pelo português do Brasil*, 2006. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- CHOMSKY, Noam. Remarks on nominalization. In: *Readings in English transformational grammar*. Waltham: Ginn and Co., 1970.
- CORBIN, Danielle. *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1987. 2 v.
- _____. Introduction – La formation des mots: structures et interpretations. In: *Lexique* 10. Villeneuve d'Ascq: Presses Universitaires de Lille, 1991. p. 7-30.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- DICIONÁRIO eletrônico Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- HALLE, Morris. Prolegomena to a theory of word formation. *Linguistic Inquiry*, v. 4, n. 1, p. 3-16, 1973.
- JACKENDOFF, Ray. Morphological and Semantic Regularities in the lexicon. *Language*, v. 51, n. 3, p. 639-671, 1975.
- LOUBIER, Christiane. *Les emprunts: traitement en situation d'aménagement linguistique*. Québec: Office de la langue française, 2003.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.
- MARCHAND, Hans. *The categories and types of present-day English word-formation: a synchronic-diachronic approach*. München: C. H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1969.
- OXFORD English Dictionary on-line. Oxford University Press, 2005.
- RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto Editora, 1998.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- SARAIVA, F.R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 11.ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2000.
- THE OXFORD Dictionary of English Etymology. Oxford University Press, 1966.